

Resenha

O Método da Economia Política - Karl Marx – 1857

Resenha crítica

Silvana Barboza dos Santos¹

MARX, Karl. **O Método da Economia Política**. Revista Crítica Marxista. Sessão Documento. Volume 30. Apresentação de João Quartim de Moraes e tradução de Fausto Castilho, 2010.

A obra “O Método da Economia Política” constitui o terceiro dos quatro tópicos da “Introdução à contribuição à crítica da economia política” escrito por Karl Marx em 1857, sendo, na visão de Moraes,² “*a mais longa, densa e sistemática discussão sobre o método na obra de Marx*”. A obra conhecida como “introdução” foi também publicada na parte “anexos” do livro: Contribuição à crítica da Economia Política, livro no qual o próprio Marx advertiu que tinha suprimido uma introdução geral, pois segundo ele, lhe parecia “*prejudicial toda antecipação de resultados ainda a comprovar*” (MARX, 1982a). Vale destacar que a escolha do autor em não a publicar, não se deu por não concordar com sua visão do método, mas por considerar inadequado divulgar antecipadamente os resultados de sua pesquisa ainda em desenvolvimento, optando por publicá-la no texto “Para a crítica da economia política”, datado de janeiro de 1859.

Cabe ressaltar que a obra “O Método da Economia Política”, descartada pelo escritor, foi publicada postumamente, sendo “encontrada entre os manuscritos deixados por Karl Marx e publicada pela primeira vez por

¹ Assistente Social. Mestranda em Política Social na Universidade Federal de Mato Grosso.

² Moraes foi convidado por Castilho (tradutor do texto “O Método da Economia Política para o português) para fazer a apresentação da obra na versão traduzida por ele. A Nota traz informações importantes sobre a obra, como também sobre o cuidado dispensado pelo tradutor na fidedignidade à versão original, oferecendo um texto confiável e de extrema qualidade acadêmica.

Kautsky, na revista *Die Neue Zeit*, em 1903, e, em seguida, novamente publicada na segunda edição alemã aparecida em 1907 de *Crítica da Economia Política*”³. O Método da Economia Política tem diversas traduções. Esta resenha baseia-se na tradução de Fausto Castilho. De acordo com João Quartim, que faz a apresentação da obra, esta foi traduzida do original com grande fidelidade ao texto, tendo inclusive a opção de o leitor checar no arquivo o escrito na língua original. Essa tradução foi publicada na *Revista Critica Marxista*, Nº 30, na sessão Documento no ano de 2010.

Karl Marx, o autor da obra dispensa apresentações, sendo o principal filósofo a explicar as contradições sociais, analisando o processo de exploração do modo de produção capitalista por meio da força de trabalho. Embora o foco de Marx não estivesse em criar um método próprio, seus escritos nos conduzem a um entendimento lógico de se fazer pesquisa social, e, de acordo com Castilho (2019, p. 104), *“é no texto sobre o método da economia política que ele mostra como seu método funciona”*.

Nesse texto, Marx traça toda uma lógica de se fazer pesquisa, ponderando a necessidade de considerar cada objeto de pesquisa na sua totalidade e em suas muitas determinações e relações. Chegar nessa visão de totalidade exige do pesquisador uma determinação precisa, que permite acercar-se de uma análise cada vez mais simples, em que partindo do concreto imediato, por um processo de abstração, chega-se a determinações cada vez mais abstratas permitindo assim um reencontro com o objeto inicial analisado em todas as suas formas de evolução, sendo necessário percorrer um longo caminho para se chegar à essência. Como bem pontua Neto, *“o método de Marx não resulta de descobertas abruptas ou de intuições geniais, ao contrário, resulta de uma demorada investigação”* (NETO, 2011, p.18).

Assim, Marx principia o texto considerando que para tratarmos da Economia Política de determinado país parece aparentemente correto *“começar pelo real e pelo concreto”* (MARX, 2010b), sendo este o método dos economistas ingleses do Século XVII. No entanto, destaca que há um equívoco

³ Nota explicativa de rodapé dos Anexos da edição traduzida por Florestan Fernandes do livro *“Contribuição a crítica da economia Política”* de Karl Marx. 2ª edição da obra publicada pela Editora Expressão Popular de 2008, p. 237.

nessa aparência. Para ele a análise não deve ser iniciada simplesmente “*por sua população, sua divisão em classes, distribuída pela cidade, campo e mar; os diversos ramos da produção, a exportação e a importação, a produção anual e o consumo anual, os preços das mercadorias etc.*” (MARX, 2010b), embora isso pareça muito evidente. Percebe-se que o primeiro caminho, seguido pelos economistas burgueses é incompleto e unilateral, possibilitando ao máximo abstrações rasas e sem totalidade. Para Chagas:

O método especulativo de Hegel é abstrato, acrítico, pois toda a história, toda a produção, não é vista como a história real do homem como sujeito, mas apenas como expressão abstrata, lógica, especulativa do processo histórico, resultado da história da produção do espírito abstrato, pois só o espírito constitui a autêntica essência do homem, e a verdadeira forma do espírito é o espírito pensante, o espírito lógico, especulativo (CHAGAS, 2012, p. 08).

Para Marx, o caminho acima causa uma apropriação inadequada do todo. Na contramão desse método então, aponta a importância de considerar um momento de abstração, que quanto mais tênue, mais se aproximaria do caminho de volta, ou do reencontro com o objeto. Observamos aí a síntese do seu método, caminho que ele entendeu como o cientificamente correto, pois: “*no primeiro caminho, toda a representação se desvanece em determinação abstrata, ao passo que, no segundo, as determinações abstratas conduzem à reprodução do concreto no plano (im Weg) do pensamento*” (MARX, 2010b, p.111), destacando ser esse o oposto do método hegeliano, seguido por muitos naquele período.

Entendendo que “*a sociedade burguesa é a organização histórica da produção mais desenvolvida e a mais múltipla*” (2010b, p. 111), Marx parte dela para estudar diversas categorias que permeiam a economia política, pois ela é “a chave da antiguidade”. Mas esse estudo muito se difere do entendimento dos economistas do Século XVII, pois estes desconsideram as diferenças históricas e as determinações que a conduzem a ser como são.

O processo histórico é excessivamente importante para o método pensado por Marx para entender a sociedade, principalmente a burguesa. Para ele, entender a historicidade passa pelo processo de autocrítica, e isso abrange: sociedade, economia, classe, religião, etc. A partir desse processo é

possível contribuir para o avanço e entendimento das categorias que perpassam o objeto, sem esquecer o protagonismo do sujeito. Netto nos afirma que para Marx:

(...) o papel do sujeito é essencialmente ativo: precisamente para apreender não a aparência ou a forma dada ao objeto, mas a sua essência, a sua estrutura e a sua dinâmica (mais exatamente: para apreendê-lo como um processo), o sujeito deve ser capaz de mobilizar um máximo de conhecimentos, criticá-los, revisá-los e deve ser dotado de criatividade e imaginação. O papel do sujeito é fundamental no processo de pesquisa (NETTO, 2011 apud MARX, 2010b, p. 25).

Nesse sentido, observamos que Marx entende que os economistas não deram conta de absorver o essencial, mas se prenderam à aparência, ao concreto. Para o autor, “*o concreto é concreto por ser uma concentração de muitas determinações*” (2010b, p. 111), e, portanto, o que vemos no pensamento como aparência do objeto é uma síntese/resultado, e não a gênese da investigação. Para aperfeiçoar esse raciocínio metodológico, Marx se apropria de diversos exemplos vividos na sociedade tais como trabalho, dinheiro e sua relação com o abstrato e o concreto para exemplificar que quando o pensamento abstrato se eleva do simples ao mais complexo, teríamos o “processo histórico efetivamente real”.

Buscando um método que possibilitasse uma interpretação objetiva da realidade, Marx inova ao entender que o caminho da abstração ao concreto possibilita superar a imediatez, portanto não se parte da aparência, tudo é categorizado.

O trabalho é uma categoria considerada para ele uma categoria “simples”, e ao mesmo tempo “moderna”, sendo um disfarce do objeto produzido para assim gerar riqueza, mesmo que produza um produto determinado. Sua inquietação prepondera nessa categoria. Para ele:

A indiferença em relação a uma forma determinada de trabalho corresponde a uma forma de sociedade em que os indivíduos passam facilmente de um trabalho a outro, tornando-se lhes fortuita e, portanto, indiferente a espécie determinada de trabalho (MARX, 2010, p. 117).

Embora ainda central, o trabalho *“deixou de ser uma determinação vinculada ao que os indivíduos têm de peculiar”* (MARX, 2010b, p. 117), mesmo que em cada sociedade haja uma forma peculiar que determina sua produção. A sociedade burguesa é que mais se apropria dele, e consegue travesti-lo de forma que quem o faz se aliena dele, e não consegue ou percebe que precisa fazer uma crítica sobre ele.

As categorias econômicas, portanto, têm sua ordem determinada pela relação que as mesmas mantêm entre si, e pela forma de articulação na sociedade burguesa, importando pouco a forma como foi ordenada no mundo das “ideias”, sendo que a mais moderna forma descrita na obra foi a *“sociedade por ações”* que aparecem *“nas grandes companhias comerciais, privilegiadas e monopolistas”* (MARX, 2010b, p. 125), forma do capital que considera gerar mais riqueza e ao mesmo tempo mais pobreza. Importante destacar que os economistas do método condenado por Marx, tinham um discurso de que *“a riqueza é produzida meramente para o Estado, e seu poderio (Macht) é proporcional a ela”* (MARX, 2010b, p. 125).

Marx conclui sua obra assegurando que a “matéria” deveria ser dividida em 05 grandes categorias, sintetizando: 1) As determinações gerais abstratas que convêm; 2) As categorias constitutivas da articulação interna da sociedade burguesa, sobre as quais as classes fundamentais repousam; 3) A concentração da sociedade burguesa na forma do Estado; 4) A relação internacional de produção; 5) O mercado mundial e as crises. Entendemos, portanto, a inquietação do autor de que publicá-la junto à sua obra de “origem” “perturbaria os resultados ainda por provar”.

Assim, Marx ratifica seu próprio percurso metodológico traçado, fundado na dialética, deixando um legado para as ciências sociais de que uma pesquisa não deve induzir a resultados não provados, e, mais importante, nunca deve se dar por acabada, partindo sempre do que é essencial, e não da aparência.

Embora o autor tenha inovado no método de se analisar a Economia Política, sabemos que há grandes resistências à sua forma de analisar a sociedade, com um grande arrefecimento nos últimos anos após a asseveração

da ideologia neoliberal com traços conservadores. Vemos, portanto, a disseminação de que o Estado é meio de gerar riqueza, aumentando a manifestação de redução do Estado e conseqüentemente de redução de conquistas alcançadas em um período que o capital teve uma de suas várias crises, conforme já esperado por Marx em suas análises do sistema capitalista moderno.

A obra traz uma riqueza teórica sobre o método, embora não pretendesse criar um especificamente. E essa descrição detalhada que Marx nos proporciona, nos permite analisar a Economia Política com um olhar diferenciado dos economistas de sua época, de Hegel e até mesmo dos atuais, e possibilitou o avanço no estudo de diversas categorias que são essenciais para compreender como a sociedade burguesa se articula, e, principalmente, nos dá ferramentas de como é possível ter uma visão de mais totalidade sobre suas determinações, mesmo que atualmente se posicionar contrário do que está posto seja um ato perigoso e de resistência, assim como era há tempos muito distantes.

Referências

CHAGAS, Eduardo F. **O método dialético de Marx: Investigação e exposição crítica do objeto**. Centro de Estudos Marxistas (CEMARX), IFCH – Unicamp, 2012. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/formulario_cemarx/selecao/2012/trabalhos/6520_Chagas_Eduardo.pdf. Acesso em: 22 de maio de 2022.

MARX, Karl. **Para a Crítica da Economia Política**. Blog Marxists.org. Tradução de José Barata-Moura. Editorial Avante, 1982a. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/marx/1859/01/prefacio.htm#tn271>. Acesso em: 18/05/2022.

MARX, Karl. **Contribuição a crítica da economia Política**. Tradução e introdução de Florestan Fernandes. 2^o edição. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl. **O Método da Economia Política**. Revista Crítica Marxista. Sessão Documento. Volume 30. Apresentação de João Quartim de Moraes e tradução de Fausto Castilho, 2010b.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. 1^o edição. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2011.